

CIDADE E SUAS MARGENS: TEORIA E PRÁTICA PARA OUTRA EDUCAÇÃO POSSÍVEL

JOANNA MUNHOZ SEVAIO¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – jmsevaio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O movimento de ação-reflexão-ação, de acordo com o proposto por Paulo Freire (1997, 2001), é fundamental nos processos educacionais, uma vez que viabiliza práticas e saberes sincronizados com a realidade dos sujeitos neles envolvidos. Assim sendo, este texto propõe-se a apresentar a sistematização de uma experiência (JARA, 2006) que envolveu o atravessamento de ensino, pesquisa e extensão. Para tanto, a premissa foi a disciplina “Cidades e suas margens: trajetos, percursos e mapas” oferecida pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas no primeiro semestre do presente ano.

A literatura indicada para a disciplina provocou intensos debates sobre como conceber a cidade, dessa forma permitindo arranjos de produção de conhecimento que estiveram em constante diálogo com as discussões que têm acontecido no âmbito dos projetos de pesquisa e de extensão vinculados ao GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos). Ademais, um ponto substancial dessa disciplina/experiência foi também a participação tanto de alunos/alunas de graduação, quanto de pós-graduação, tanto de antropólogos/antropólogos em formação, quanto de pessoas de outras áreas. Nessa lógica, atesta-se a necessidade de pensar sobre como aprendemos, sobre como ensinamos e também as relações disso com o mundo, de modo a refletir também sobre quais os elementos que constituem o modelo de Universidade decorrente de tais práticas-reflexões. Entende-se, portanto, que “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 2001, p. 39)

As proposições do sociólogo Boaventura de Souza Santos são fundamentais no sentido de delinear os desafios e possibilidades da Universidade no século XXI. O autor ressalta a indissociabilidade entre pesquisa-ensino-extensão como pilar para evidenciar a pluralidade de saberes e de diálogos possíveis entre os diferentes sujeitos inseridos na Universidade, bem como a essencial conexão com tudo aquilo que acontece fora de seus muros. Nessa lógica, compreende-se que “A indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão possibilita novas formas pedagógicas de reprodução, produção e socialização de conhecimentos, efetivando a interdisciplinaridade.” (PUHL, 2016, p. 223). Dessa maneira, as discussões apresentadas neste texto tem por objetivo enquadrar a experiência da supracitada disciplina nas tentativas de rompimento com o vigente modelo de conhecimento e de Universidade.

Foi proposto, no início do semestre, um trabalho final em grupo, uma espécie de experimento etnográfico coletivo. A escolha dos “temas” partiu, sobretudo, da curiosidade intelectual dos/das discentes, conectando leituras diversas sobre o mundo e também escolhas teóricas nas quais se exercita a produção de conhecimento a partir das práticas de pesquisa e de extensão dos membros dos grupos. Os trabalhos que resultaram desse processo possibilitaram, então, o

cruzamento dos saberes dos/das discentes, da docente e também dos/das interlocutores.

Vale também ressaltar que os trabalhos desenvolvidos ao longo da disciplina tiveram como denominador comum a busca por alguns dos caminhos interpretativos sobre as disputas simbólicas das experiências na cidade. Além disso, teve-se a intenção de trazer perspectivas sobre a experiência urbana para além das hegemônicas, seja em termos de produção acadêmica ou projeção política para os seus praticantes (CERTEAU, 2007) em contraposição às políticas urbanas excessivamente niveladoras da experiência social.

2. METODOLOGIA

No campo metodológico, como já mencionado, o trabalho foi pensado como uma sistematização de experiência. A metodologia proposta pelo educador popular peruano Oscar Jara (2006) indica que é preciso extrair os ensinamentos advindos da prática, entendida como a congruência processos históricos, pulsantes, vividos por sujeitos reflexivos de si, de seus atos e de como se relacionam com processos sociais mais amplos. Mais do que mera classificação ou descrição de eventos, sistematizar experiências, tal como aqui entendido, significa estabelecer “um desafio político pedagógico pautado na relação dialógica e na busca da “interpretação crítica dos processos vividos” (JARA, 2006, p. 7)

Assim sendo, as reflexões aqui expostas são impulsionadas pelas experiências em sala-de-aula e também pelos trabalhos de cada um dos grupos formados no decorrer da disciplina “Cidades e suas margens: trajetos, percursos e mapas”, o que converge também em reflexões sobre arranjos possíveis de ensino, de construção de conhecimento e de Universidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências de ensino-aprendizagem constituem um estado contínuo de reflexão, de forma a escapar de procedimentos estanques e destacar os sentidos do processo vivido. Aqui, busca-se recuperar elementos dos trabalhos desenvolvidos ao longo do semestre que, de certa forma, convergiram na articulação com ações de pesquisa e de extensão do GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos). Há, nesse sentido, um esforço a fim de superar a compartimentação que rege as Universidades. Compreende-se, portanto, a necessidades das práticas de ensino-pesquisa-extensão estarem conectados com as dinâmicas do real e do mundo das pessoas, ou com aquilo que Boaventura de Souza Santos (2004) chama de extra-muros.

Conforme já citado, a proposta de avaliação da disciplina “Cidades e suas margens: trajetos, percursos e mapas” foi a elaboração de um trabalho em grupo, uma síntese entre trabalho de campo e discussões teóricas, acionando ao mesmo tempo narrativas, teoria e imagens, a fim de compreender as dinâmicas urbanas sob o viés do movimento, do cotidiano, dos fazeres do sujeitos, noções presente, de forma geral, na bibliografia indicada. Aliado a isso, tem-se as ações desenvolvidas no âmbito do GEEUR, cujo cerne é dar relevo às diferentes formas de habitar a cidade de Pelotas.

A intenção fundamental dos trabalhos foi a de representar uma Pelotas que é sobretudo movimento: nas suas lutas, nos seus lugares, práticas, odores. Desse modo, salientar uma cidade que existe e que resiste no cotidiano, mas que não consta nos mapas oficiais, que não é a Pelotas dos casarões ecléticos e da

monumentalidade arquitetônica, mas uma Pelotas reescrita a partir das “multiformes, resistentes, astuciosas e teimosas” (CERTEAU, 2007, p. 175) formas de conceber e praticar a cidade.

De acordo com a proposta, foram acertados e divididos os grupos, que são os seguintes: o primeiro, sobre a região do Passo dos Negros; o segundo, sobre Presídio Regional de Pelotas; o terceiro, sobre a prostituição, ou sobre as trabalhadoras sexuais da noite; o quarto, sobre religiões de matriz africana; o quinto, sobre o pixo; e o sexto sobre um hospital psiquiátrico.

As discussões teóricas das disciplinas intercalaram-se saídas de campo coletivas, ações do GEEUR e reflexões acerca da cartografia tradicional, de modo a atestar a importância da simbiose teoria-prática para a compreensão da cidade sob o viés daqueles que a praticam. Assim, compreende-se que o movimento ação-reflexão-ação das práticas pedagógicas e de pesquisa contidas na disciplina está “(...) no coração mesmo do modo de conhecimento da antropologia, que constrói e desconstrói seus objetivos de pesquisa a partir de sua maneira particular, empírica e relacional e reflexiva de apreender o “campo.” (AGIER, 2015, p. 485). Nesse mesmo sentido, a produção e a troca de conhecimento deram-se sobretudo por meio do diálogo, em um processo de ensino-aprendizagem horizontal e participativo.

No que tange à interlocução com o GEEUR, os trabalhos sobre o Passo dos Negros, sobre a prostituição e sobre as religiões de matriz africana tiveram um terreno bastante fértil para ser explorado. Isso porque cada um desses trabalhos coincidiu com projetos de extensão e de pesquisa desenvolvidos há cerca de cinco anos por um grupo extenso e variado de integrantes do GEEUR. Entende-se, portanto, que o conhecimento e as práticas universitárias não podem estar limitados ao espaço formal da sala-de-aula. Pelo contrário, experiências como a relatada neste texto preconizam posturas que “convertem a Universidade num espaço público de interconhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente na condição dos aprendizes.” (SANTOS, 2004, p. 57)

O evento “Cidades em transe: margens em transformação” cuja segunda edição foi em julho de 2018, foi um momento bastante frutífero para o aprofundamento da relação entre discentes, pesquisadores/pesquisadoras e interlocutores/interlocutoras do GEEUR. Da mesma maneira, contribuiu de maneira significativa para a elaboração dos experimentos etnográficos do trabalho final da já referida disciplina. O interessante aqui é, então, enfatizar os diferentes espaços de aprendizagem possibilitados pelo cruzamento entre pesquisa, ensino e extensão.

No caso do Passo dos Negros, aconteceu uma roda de conversa em um sábado ensolarado de julho, em que os já conhecidos/as interlocutores/interlocutoras propiciaram a construção em seus próprios termos dos sentidos da cidade através de suas narrativas, saberes e memórias imbricadas em suas práticas cotidianas. Igualmente, as trocas decorrentes do saber-vivido da interlocutora Dona Sirley sobre as empregadas domésticas em Pelotas, deu também, no tramar das suas memórias, significativas contribuições para o entendimento do trilhar histórico da prostituição na cidade. Outra roda de conversa do evento tratou da intolerância e do preconceito em relação às religiões de matriz africana, debate que atravessou também o trabalho desenvolvido na disciplina.

Cabe ainda ressaltar que embora os grupos que trataram do Presídio Regional de Pelotas, do Hospital Psiquiátrico e do pixo não estivessem estritamente relacionados a um dos vários Projetos vinculados ao GEEUR, o pano

de fundo das discussões sobre a cidade apresenta muitas similitudes, em que pese o objetivo de apreender nuances da lógica de operar no espaço e do movimento de fazer-cidade (AGIER, 2015) que nele incide.

Outro ponto chave da experiência da disciplina é a integração, o que acontece em várias esferas. A troca de saberes permeou, nesse sentido, os diversos arranjos de relações estabelecidas ao longo do semestre. Estando presente nos entremeios da graduação com a pós-graduação, dos/das interlocutores/interlocutoras com o GEEUR, do ensino-pesquisa-extensão na sala-de-aula e fora dela, o cruzamento de experiências foi norteador da experiência aqui partilhada.

A síntese de tudo isso foram trabalhos em cuja essência está um olhar sobre o mosaico do dia-a-dia que foge das lógicas normativas, assim operando em termos do estabelecimento de conexões e de sentidos de pertencimento coletivo. Ademais, faz-se necessário frisar que os resultados destes trabalhos estão sendo restituídos às comunidades que deram origem a eles, de modo a contribuir nas suas lutas e dar coro às suas vozes.

4. CONCLUSÕES

O relato feito nessas páginas teve por objetivo apresentar caminhos possíveis para práticas de ensino que não se detenham em si mesmas. Ou seja: que estejam intrinsecamente conectadas ao que acontece na Universidade e no mundo, e que forneçam, por isso, intensos debates cuja finalidade seja alcançar um modelo de conhecimento que corresponda à complexidade do real, estando baseados no diálogo entre os sujeitos e seus saberes, de forma a sugerir “o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado.” (FREIRE, 2001, p. 45)

Por fim, admite-se que se a realidade não é unilateral, tampouco a reflexão sobre ela pode ser. Assim sendo, estabelece-se no íterim do processo de pesquisa-ensino-extensão um fluxo contínuo de ações sobre as quais refletimos, e que geram outras ações, sejam elas pedagógicas, políticas, práticas ou teóricas. Este trabalho pretende, portanto, contribuir nesse sentido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Mana**. Rio de Janeiro: v. 25, n. 3, p. 483-498, 2015.
- CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer** (vol. 1). 13ª ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.
- PUHL, Mário José. O conhecimento e o princípio de indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas: nº 69, p. 222-232.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**.